

O GUARANI
DE JOSÉ DE ALENCAR
UM OLHAR PARA AS PERSONAGENS FEMININAS

Monique Berwanger

berwangermonique@gmail.com

IFSC- Instituto Federal de Santa Catarina

Maristella Letícia Selli

maristella.mallmann@ifsc.edu.br

IFSC – Instituto Federal de Santa Catarina

Resumo

O objetivo deste trabalho foi analisar as dinâmicas sociais problemáticas envolvendo as personagens femininas presentes na obra *O Guarani* de José de Alencar sob a ótica da crítica feminista envolvendo também o viés histórico da sociedade. Foram pesquisadas/estudadas autoras pertinentes para a discussão de gênero, principalmente Simone de Beauvoir e Judith Butler e o livro de José de Alencar no qual são encontrados traços sociais presentes na realidade atual que dizem respeito ao machismo, ao patriarcalismo e a desigualdade de gênero. Por isso é de suma importância que ocorra uma análise da ótica literária sob o viés do cânone, pois dessa maneira abre-se uma possibilidade de discussão entre discentes do Ensino Médio para determinadas dinâmicas sociais como o patriarcalismo e o machismo que continuam presentes nas relações cotidianas. No romance indianista as personagens que melhor ilustram esse cenário são as mulheres: Cecília, Isabel e D. Lauriana. As três vivem sob um regime patriarcal que limita importantes questões como as relações matrimoniais, as questões étnicas e de classe. Os resultados obtidos conferem que as personagens estudadas tiveram suas vidas conduzidas para que não pudessem ter autonomia necessária no comando da própria vida.

Palavras-chave: Crítica feminista; Machismo; *O Guarani*; Patriarcalismo.

Abstract

The objective of this work was to analyze the problematic social dynamics involving the female characters present in the work *O Guarani* by José de Alencar, from the point of view of feminist criticism, also involving the historical bias of society. Relevant authors for gender discussion were studied, mainly Simone de Beauvoir and Judith Butler. José de Alencar's book as primary source, presents the social traits in the realm that relate to sexism, patriarchy and gender inequality. For this reason, an analysis of the literary perspective under the bias of the canon is of the utmost importance, since it provides a possibility of discussion for students of Secondary School of certain social dynamics, such as patriarchy and chauvinism, that remain in everyday relationships. In the novel *Indianista*, the characters that best illustrate this scenario are the women: Cecilia, Isabel and D. Lauriana. All of them live under a patriarchal system that limits important matters, such as marital relations, ethnic and class issues. The obtained results imply that the studied characters had their lives driven so that they could not have the necessary autonomy in the command of their own lives

Keywords: Feminist criticism; Chauvinism; *O Guarani*; Patriarchy.

Introdução

Protetor das mulheres e humildes. Fora da lei, perseguido pela Justiça, anulador de leis injustas e defensor dos pobres. Robin Hood foi um personagem de romances medievais da Inglaterra, no século XIV. Um herói medieval tem em si todos os atributos necessários para seus grandes feitos; coragem, bravura, bondade, humildade. Homens que, apesar de idealizados, são bons exemplos morais e contribuíram para a formação de uma identidade nacional, traço fundamental para a construção de uma sociedade unida e fortalecida. No Brasil, entretanto, por ser uma nação jovem, explorada por séculos e diminuída aos olhos de outros países, existem poucos traços de uma nacionalidade ou patriotismo consolidados, tampouco histórias de heróis da pátria, tanto é que as cédulas do real brasileiro não possuem personalidades e ícones do país, e sim, animais. No século XIX, durante o período do Romantismo, houve algumas tentativas de criar esse herói nacional. Os principais idealizadores desse projeto foram os autores românticos José de Alencar e Gonçalves Dias. Em sua obra “O Guarani – 1857”, José de Alencar buscou atribuir todas as características de um salvador da pátria na figura mais brasileira possível, o índio.

Nesse mesmo romance, o autor retratou a sociedade na qual estava inserido. As características sociais que ganham enfoque são aquelas que dizem respeito ao patriarcalismo exacerbado, ao machismo, as relações de subordinação do gênero feminino e das condições de vida a qual as mulheres desse período da história estavam sujeitas.

Simone de Beauvoir foi uma teórica feminista que discutiu questões relacionadas ao machismo, a desigualdade de gênero e ao patriarcalismo. Segundo ela [2], o gênero é uma construção social, não biológica: “Ninguém nasce mulher, torna-se.” É preciso que haja interferência de outrem e interações sociais desde o nascimento do indivíduo para que seja construída a sua identidade de gênero. Beauvoir [2] explica que o feminino e o masculino são ideias enraizadas, nas quais os indivíduos precisam enquadrar-se para fazer parte da sociedade. É por esse motivo que se criam estereótipos, papéis sociais e normas de condutas para cada um, de acordo com seu gênero e fase da vida. Por exemplo, em uma sociedade patriarcal, é função da mulher cuidar dos filhos e do ambiente privado, enquanto o papel do homem está diretamente ligado às questões públicas, políticas e diplomáticas.

Concomitantemente, a filósofa estadunidense Judith Butler [4] conceitua a imposição de práticas “femininas” e “masculinas” utilizando o termo performatividade. Todos aqueles que não se encaixam nesses comportamentos são excluídos do seio social. Então, se o gênero é performativo, não se pode afirmar que as pessoas “são” e sim que “fazem”, visto que é uma contínua formação: mutável.

A mesma autora define gênero da seguinte maneira: “O gênero não é inscrito no corpo passivamente, nem é determinado pela natureza, pela linguagem, pelo simbólico, ou pela história assoberbante do

patriarcado. O gênero e aquilo que é assumido, invariavelmente, sob coação, diária e incessantemente, com inquietação e prazer.”. [4]. O gênero é construído a partir de uma sequência de atos repetitivos ao longo dos anos. Mais do que atos, também o discurso, a fala, as máscaras, as encenações, os movimentos corporais e uma série de aspectos vão formando aquilo que se chama gênero. Além disso, da mesma forma que entendia Beauvoir, Butler [4] ainda explica que a formação não é individual e sim, social: são necessárias as interações sociais para que os indivíduos construam sua identidade.

Analisando sob essa ótica, o presente trabalho foi desenvolvido a partir de pesquisa qualitativa através de análise bibliográfica com o intuito de estudar sob o viés da crítica feminista as personagens femininas do romance O Guarani de José de Alencar.

Resultados

Aplicando a teoria ao contexto da obra de José de Alencar é nítido como ocorre a construção do gênero e conseqüentemente a dos papéis sociais na família de D. Antônio de Mariz. Esse colonizador teria sido um dos fundadores da cidade do Rio de Janeiro, “um homem de valor, experimentado na guerra, ativo” [1]. Pela descrição que é feita, nota-se a clara atribuição de valores e características tipicamente masculinas ao português, o que reforça a sua função de chefe dentro da família. Em todo o romance, fica evidente que ele exerce tal papel. Dessa forma, é garantido a ele uma série de direitos e vantagens, pelo simples fato de ser homem.

Da mesma maneira, são construídas as funções de Lauriana. “Lauriana, esposa de D. Antônio de Mariz, uma senhora de cinqüenta e cinco anos, magra, mas forte e conservada como seu marido”. [1]. Logo de início, a ênfase que o autor dá a ela é quanto ao seu estado civil. A impressão que se tem a partir disso é de que a mulher está perpetuamente presa ao casamento. Todas as descrições dadas são associadas ao marido, ao matrimônio, aos filhos e a sua função enquanto mãe; enquanto D. Antônio de Mariz é constantemente enaltecido por seus valores ligados ao intelecto e a suposta superioridade racional. Simone de Beauvoir [2] explica que essa é uma típica construção do gênero feminino: historicamente a sociedade patriarcal impôs valores que considerou adequados ao feminino e ao masculino. Assim, Lauriana viera de uma família tradicional, que a educou de forma extremamente rígida e severa, tendo a “moral” e os “bons costumes” muito bem preservados. Quando jovem, a fidalga vivia sob o regime patriarcal exercido pelo pai, e depois do casamento, pelo marido. É possível também, inferir que Lauriana ainda foi submetida à superioridade de uma terceira voz masculina: a do filho, D. Diogo, após seu crescimento.

Lauriana carregava consigo o repúdio por indivíduos diferentes de sua cor e religião, inclusive Peri – o índio idealizado, protagonista da obra -: “Via no índio um cão fiel que tinha um momento prestado um serviço à família e a quem se pagava com um naco de pão” [1]. Em diversos trechos do romance, Lauriana

tenta livrar-se da presença do indígena, persuadindo seu marido e transmitindo aos seus filhos toda sua repulsa.

A reprodução do preconceito racial, étnico e religioso de Lauriana para os filhos pode ser explicada a partir de uma teoria, desenvolvida pelo sociólogo francês Pierre de Bourdieu [3]. A teoria do Habitus explica que a sociedade (nesse caso, Lauriana) tende a incorporar determinadas estruturas sociais (os preconceitos que carregava acerca do indígena) que são impostos à sua realidade (criação dada à Lauriana). Após a incorporação, tais estruturas são naturalizadas, e por fim, passam a ser reproduzidas ao longo do tempo, (aos filhos) gerando uma herança histórico-cultural.

Percebe-se, dessa forma, que Lauriana viveu toda a sua vida às sombras dos homens com os quais conviveu, além disso, todas as suas vivências tiveram influência direta da supremacia que esses exerciam sobre ela. Embora ficcional, o romance retrata a realidade da maioria esmagadora de mulheres ao longo da história, até mesmo na sociedade contemporânea. As construções sociais que fazem com que o indivíduo seja tratado como mulher são naturalmente desiguais e inferiores às que tornam outros indivíduos homens. Segundo Simone de Beauvoir [2], a sociedade inicia o processo de formação da identidade desde antes do nascimento das crianças, com a expectativa que os pais depositam sobre os bebês. Por exemplo, quando nasce uma menina, seu enxoval impreterivelmente será rosa; ao fazer aniversário, um menino em hipótese alguma receberá uma boneca, e sim um carrinho. A autora ainda explica que a vocação das meninas de cuidar é-lhes imperiosamente ditada: as coisas que ouve, os livros que lê, todas as suas vivências e experiências a fazem encantar-se com o que a sociedade patriarcal espera dela. Ela é encorajada e conforma-se com o inevitável. Dão-lhe bonecas para que a realidade da vida adulta assuma cedo um aspecto tangível. No livro do autor romântico, as filhas de D. Antônio de Mariz vivem ao redor da mãe em casa, ocupando-se com coisas estereotipadas como femininas, enquanto o filho D. Diogo passa a maior parte do seu tempo a aventurar-se, aprendendo a tornar-se o homem que a sociedade espera que ele seja, assim como o próprio pai é e também espera que se torne.

Cecília é a filha mais nova de D. Antônio de Mariz. Uma menina alva, loira de olhos azuis, com bochechas coradas e lábios avermelhados: “(...) tinha dezoito anos, era a deusa desse pequeno mundo que ela iluminava com seu sorriso, e alegrava com seu gênio doce e a sua mimosa faceirice”. [1]. Sua graça e desenvoltura eram constantemente enaltecidas e era adjetivada como sendo singular, de tão bela e agradável. O apreço que todos sentiam por Cecília pode ser explicado por Simone de Beauvoir. “Ser feminina é mostrar-se impotente, fútil, passiva, dócil. A jovem deverá não somente enfeitar-se, arranjar-se, mas ainda reprimir sua espontaneidade e substituir, a esta, a graça e o encanto”. [2]. Dessa maneira, percebe-se que quando a mulher se comporta de acordo com as condutas consideradas adequadas pela sociedade patriarcal, ela se torna honrosa e respeitável. Assim, não é surpreendente que elas próprias geralmente alimentem as relações desiguais de machismo e patriarcalismo sem sequer perceber ou questionar a inferiorização a que

são submetidas. Isso ocorre, pois, a naturalização dessas estruturas sociais nas quais estão inseridas deturpam a visão que possuem de si mesmas e de suas próprias vidas.

O filósofo prussiano Immanuel Kant [5] teorizou a beleza e o juízo estético, dividindo-os em dois: a beleza pura ou livre e a beleza induzida ou dependente. A beleza dependente é aquela fundamentada em conceitos pré-existentes, que precisa satisfazer algum padrão e/ou necessidade do sujeito para ser considerada bela. Já a beleza pura baseia-se somente em um conceito inicial, geralmente fundamentado na apreciação de primeira vista, que independe de quaisquer outros conceitos para ser considerada bela. Nesse sentido, pode-se inferir que existe uma antítese quanto a beleza de Cecília. O autor define que ela possui uma beleza pura e única, mas, considerando a sociedade e o período da história na qual ele estava inserido, suas afirmações tornam-se questionáveis. Sendo o padrão de beleza da época indiscutivelmente baseado em traços da etnia branca, percebe-se que o autor indianista fora sim, influenciado, e como consequência disso seu julgamento estético deixou de ser puro, perdendo parte de seu valor. Na sociedade do século XXI, a beleza considerada padrão ainda tem sustentação em traços da etnia branca. É evidente o quanto pessoas e culturas não brancas ainda precisam lutar em busca de igualdade, reconhecimento e empoderamento em todos os campos: políticos, sociais, econômicos e educacionais.

Como qualquer família tradicional do século XIX, aquilo que se esperava para Cecília era um bom casamento, filhos e uma vida bem vista aos olhos da sociedade. Simone de Beauvoir [2] explica que as moças conhecem desde a puberdade qual será o caminho que traçarão, enquanto os rapazes possuem outros aspectos importantes na vida: “Sem dúvida, o adolescente também sonha com a mulher, deseja-a; mas ela será apenas um elemento de sua vida: não resume seu destino.”. Contudo, na história, tais planos mudam quando a família protagonista se vê perdendo uma guerra contra uma tribo indígena da região e os únicos sobreviventes são Cecília e Peri, o indígena protetor. Durante todo o romance, Cecília fora uma menina extremamente sensível, rodeada por mimos e com toda a estruturação física e psicológica de conforto que o dinheiro pode proporcionar, além de ter tido acesso a uma educação voltada para o casamento. Entretanto, com o desfecho da trama, Cecília compreendeu que estava sozinha no mundo, não possuía mais tudo aquilo que antes acreditava ser a razão de seu viver, e a única coisa que lhe restava era seu fiel companheiro, Peri. Enquanto a moça e o indígena iam embora, Cecília tomou a maior decisão de sua vida, cujas consequências definiriam seus dias a partir dali. A moça pensou a respeito de seu futuro em relação ao seu passado, lembrando todos os doces momentos que havia vivido desde então.

Refletiu sobre sua existência e sua posição no mundo, e descobriu que o mundo em que vivia “era muito maior que o seu quarto” [6].

Segundo Beauvoir [2],

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o

conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino.

Nesse contexto, pode-se afirmar que Cecília transformou-se durante o sofrimento que passava. Ela fora criada por uma família em condições patriarcais e machistas, em que seu pai, D. Antônio de Mariz, claramente exercia a função de chefe da família. A partir do momento em que Cecília se reconecta consigo mesma e reflete sobre o que realmente quer para si, desperta para a vida, para a liberdade e para a plenitude de sua existência [1]

Toda a sua vida estava mudada: a desgraça tinha operado essa revolução repentina, e um outro sentimento ainda confuso ia talvez completar a transformação misteriosa da mulher. Em torno dela tudo se ressentia dessa mudança; as cores tinham tons harmoniosos, o ar perfumes inebriantes, a luz reflexos aveludados, que seus sentidos não conheciam.

E então, movida por uma mistura de intensos sentimentos dentro de si, Cecília decide que passaria o resto de seus dias junto de Peri, nas imensas florestas brasileiras, longe de todo o padrão de luxo que antes estava habituada.

Segundo Beauvoir [2],

A vida do pai é cercada de um prestígio misterioso: as horas que passa em casa, o cômodo em que trabalha, os objetos que o cercam, suas ocupações e manias têm um caráter sagrado. Ele é quem alimenta a família, é o responsável e o chefe.

A autora afirma ainda que “é através dele que a casa se comunica com o resto do mundo: êle é a encarnação desse mundo aventureiro, imenso, difícil, maravilhoso; êle é a transcendência, êle é Deus.” [2]. Dessa forma, no contexto da obra, entende-se que embora Cecília recebesse do pai todos os mimos possíveis, ela entendia perfeitamente qual era sua posição dentro da família: jamais ela, sua irmã ou sua mãe teriam a autoridade que possuía seu pai. O patriarcalismo estava enraizado nos mais profundos níveis do subconsciente de todos os integrantes da família, bem como da sociedade da época. A naturalização dessa estrutura fez com que, em nenhum trecho do livro, as personagens se sentissem menosprezadas ou inferiorizadas pelo comportamento masculino.

Analisando a história de Cecília, conclui-se que ela fora a única personagem feminina que pode ditar seu próprio destino e escolher o que queria para a própria vida. Tanto Lauriana quanto Isabel tiveram suas escolhas fundadas e subjugadas por homens, durante todo o romance. O indivíduo que Cecília se tornou foi completamente diferente daquele que esperavam que ela tivesse se tornado.

Isabel era a filha ilegítima de D. Antônio de Mariz, fruto de uma paixão por uma índia fora de seu casamento. A consciência do velho fidalgo não permitiu que ele abandonasse a menina e por isso a manteve consigo. Porém, para evitar comentários e julgamentos ácidos, D. Antônio tratava a moça como sendo sua

sobrinha. “Os olhos grandes e negros, o rosto moreno e rosado, cabelos pretos, lábios desdenhosos...” [1].
Ainda,

Era um tipo inteiramente diferente do de Cecília; era o tipo brasileiro em toda a sua graça e formosura, com o encantador contraste de languidez e malícia, de indolência e vivacidade.

Por vezes, as descrições do narrador acerca das características físicas e psicológicas de Isabel vêm acompanhadas de determinados adjetivos, que além de demonstrarem o juízo de valor dado pelo autor, também induzem o leitor a tirar certas conclusões e adotar algumas concepções. Percebe-se que o corpo de Isabel é constantemente sexualizado, e certas atitudes, maliciadas:

Sorriso provocador, davam a este rosto um poder de sedução irresistível (...). Estava bela de melancolia, e languidez que prostrava o seu corpo num enlevo sedutor, fazendo realçar as linhas harmoniosas do seu talhe gracioso. [1].

Ademais, as comparações feitas entre Isabel e Cecília, demonstram (mesmo que em entrelinhas) o pensamento que se tinha na época perante às mulheres brancas e as mulheres índias. Cecília era um ícone de beleza associada à inocência e pureza, já Isabel era vista como uma fonte de sedução e satisfação de desejos. A visão sexualizada sobre as indígenas durante os processos de colonização do Brasil resultaram em uma “miscigenação” forçada fundamentada principalmente no estupro, que possui consequências até os dias atuais, conferidas na cultura do estupro (predominante sob a etnia negra e indígena) e em diversas outras questões sociais, pertinentes e recorrentes.

A desigualdade, subordinação e dominação são intensificadas quando se trata de Isabel. Além de ser menina, ela possui origens indígenas e não é filha legítima do atual casamento do pai. As vivências da moça são equivalentes ao que, atualmente, vivem as mulheres não brancas, que acabam por serem postas à margem da sociedade. Historicamente, no mundo ocidental, o topo das pirâmides sociais foi ocupado por homens, brancos, ricos, influentes, cristãos e, supostamente, heterossexuais. Nesse sentido, questiona-se qual será a possibilidade de uma mulher, negra, lésbica, sem acesso ao conhecimento e à cultura, que vive nas periferias das grandes cidades ser ouvida. No contexto histórico brasileiro, a luta pela liberdade dos escravos foi marcada pelo grande líder Zumbi dos Palmares. Contudo, junto a ele estava Dandara: uma mulher, negra, escrava que lutou pela sua e pela humanidade de milhares de outros escravos. Percebe-se a importância de valorizar Dandara quando nos livros de História para o Ensino Médio comumente só são citados Zumbi e seus companheiros. A luta do feminismo negro vem tomando maiores proporções nos últimos anos e tem como personagem influente a filósofa política e feminista Djamilia Ribeiro [7]. Ela discute questões como a pequena presença de negras em universidades, a mínima participação política e o silenciamento dessas mulheres na sociedade. Segundo Ribeiro, o feminismo atualmente não abraça todas as mulheres, bem como

não luta por todas elas. “A invisibilidade da mulher negra dentro da pauta feminista faz com que essa mulher não tenha seus problemas sequer nomeados.” [7].

José de Alencar [1], ao escrever esse romance, trouxe consigo não somente uma inédita literatura para o Brasil, mas também um grande avanço em alguns aspectos sociais. O principal deles foi ter falado sobre um índio - embora idealizado e esbranquiçado - em pleno século XIX, sendo que até hoje a figura desse povo é escondida, omitida e mistificada. As obras de Alencar foram um grande passo para a literatura nacional, que abriram margem para outros escritores e conduziram o leitor a adotar alguma afeição pela própria pátria e nação: característica explícita do Romantismo Indianista. Diante disso, torna-se um valor humano transmitido pela obra a capacidade de enxergar e valorizar os aspectos positivos da nação brasileira, principalmente em um momento como o atual, quando a crise política e socioeconômica assola todo o país. Além disso, mesmo se tratando de um cânone, a obra possui fundamental importância para a leitura dos jovens, visto que estão em processo de formação de identidades e consolidação de valores.

Conclusão

Ao analisar a transformação que a sociedade do período teve até a contemporaneidade, atrela-se o pensamento errôneo e equivocado, de que ela tenha evoluído completamente. Apesar disso, é de suma relevância que se tenha consciência dos diversos quesitos sociais nos quais houve retrocessos ou estagnações. Aplicando esse contexto à obra, percebe-se que embora tenham ocorrido avanços para a literatura e um enorme passo para a cidadania e humanidade, não se exclui a repulsiva reprodução de aspectos racistas, étnicos, religiosos e sobretudo machistas, patriarcais e de desigualdade de gênero, tão presentes na sociedade atual.

Um dos segmentos de estudo da Física busca aparatos eficazes para levantamento e distribuição de peso: um deles consiste em um sistema de roldanas. Nesse sistema, as roldanas podem ser instaladas de duas formas: soltas ou fixas. Quando fixas, elas têm a simples função de dobrar o cabo, transmitindo todo o esforço através dele. Entretanto, quando estão soltas, as roldanas oferecem uma vantagem mecânica ao reduzir o esforço de tração pela metade, dividindo o peso erguido. Dessa forma, são muito mais eficazes e competentes.

Faz-se essa analogia à mulher. Quando presas e fixas, não conseguem exercer todo seu potencial, força e empoderamento, ao contrário de quando estão soltas. Talvez, o receio da sociedade patriarcal sejam as consequências de toda a capacidade de ascensão feminina, e para tanto, seria esse um motivo para tanta repressão à mulher e a persistência da supremacia masculina, que é tão violenta e prejudicial às relações humanas: o prejuízo social atinge não somente o gênero feminino, mas toda a humanidade. O resultado disso é a incompreensão da necessidade de igualdade enquanto seres humanos, que deveriam possuir direitos iguais visto que possuem também, iguais deveres e capacidades.

Portanto, por mais que existam de fato avanços e grandes passos na obra, não se pode deixar passar despercebido ou dito que há retrocessos sociais relacionados ao machismo, ao patriarcalismo e a desigualdade de gênero.

Referências

ALENCAR; J. 2005. *O Guarani*. São Paulo, Brasil: Paulus.

BEAUVOIR, S. 1980. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro, Brasil: Nova Fronteira.

BOURDIEU, P.; **PASSERON**, J.-C. 1982. *A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Trad. de Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro, Brasil: Francisco Alves.

BUTLER, Judith. 2011. *Actos performativos e constituição de gênero. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista*. In: **MACEDO**, Ana Gabriela; **RAYNER**, Francesca (Org.). *Gênero, cultura visual e performance*. Antologia crítica. Minho, Portugal: Universidade do Minho/Húmus.

KANT, I. 2008. *Crítica da faculdade do juízo*. Tradução de Valerio Rohden e António Marques. Rio de Janeiro, Brasil: Forense Universitária.

TNT. 2003. O mundo é maior que o teu quarto. In: *TNT ao vivo* [CD]. Porto Alegre, BR.: Orbeat Music.

RIBEIRO, D. 2016. *Feminismo negro para um novo marco civilizatório*. Revista Internacional de Direitos Humanos, Brasil. v.13, n.24.